

O ENTRE-LUGAR DO SUJEITO CAMBIANTE EM *O ANTIGO FUTURO* DE LUIZ RUFFATO

EL ENTRE-LUGAR DEL SUJETO CAMBIANTE EN EL ANTIGUO FUTURO DE LUIZ RUFFATO

THE IN-BETWEEN PLACE OF THE CHANGING SUBJECT IN THE OLD FUTURE BY LUIZ RUFFATO

DOI:

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012>

Resenha

Recebido: 30/08/2024

Aprovado: 05/09/2024

Publicado: 13/09/2024

Lucas Neiva da Silva^a

 <https://orcid.org/0000-0003-2454-0872>

^aUniversidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lucasneivaport@gmail.com

Luiz Ruffato. *O antigo futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

“Amanhã é futuro, para nós não há futuro...” (Ruffato, 2022, p. 218)


O conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, narra a história de um homem que abandona sua casa e passa a viver em uma canoa, estacionada no entremeio do rio. A estranheza dessa atitude “deu para estarrecer toda a gente” (Rosa, 1975, p. 33), especialmente os familiares, cujos modos de vida foram profundamente afetados pela escolha do patriarca de habitar naquele entre-lugar. Consequentemente, o "entre" passa a integrar a dinâmica daquela família. Não o "entre" imperativo do verbo "entrar", mas sim a preposição, o elo que conecta adjacências. Nas palavras da filósofa Barbara Cassin (2022, p. 166), “estar entre é estar no interior de dois; no sentido local, manter-se no intervalo e não dentro ou fora; no sentido temporal, se desenrolar durante, enquanto.”

De modo similar, no livro *O antigo futuro* (2022), de Luiz Ruffato, deparamo-nos com o personagem Giovanni Bortoletto, um italiano que decide emigrar para o Brasil com a esposa e os filhos no início do século XX. Sua opção pelo desenraizamento, no entanto, ressoou por gerações da família Bortoletto, revelando também uma existência em um "entre-lugar" marcado pela fragmentação familiar, pela dispersão e pela desilusão frente às consequências irreversíveis das escolhas.

A epígrafe desta resenha é o sussurro final do velho Giovanni, que, após sofrer um corte profundo no pé causado pela enxada com que trabalhava nas terras de um coronel em Rodeiro-MG, não resiste e acaba falecendo. Suas últimas palavras tornam-se, então, um prenúncio da vida flutuante e instável que seus filhos, netos e bisnetos viriam a ter nesta terra de solo fértil, mas com um ordenamento social tão desumano.

O antigo futuro é narrado em retrospectiva, de 2016 a 1916, acompanhando a saga de parte da família Bortoletto da Itália para o Brasil, e do Brasil para os Estados Unidos. Além desses movimentos migratórios entre países, o livro também registra pequenos deslocamentos dentro do próprio Brasil (Rodeiro-MG, Cataguases-MG, Juiz de Fora-MG, São Paulo). A imagem da deriva, apresentada no capítulo 93, não se limitou ao atravessamento do Atlântico pelos antepassados, mas se tornou uma marca, quase sina, que define o destino dessa família.

Revista Aurora, v. 17, 2024. Fluxo Contínuo

 <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

O livro é dividido em quatro grandes blocos, totalizando cem capítulos curtos, os quais fazem referência à jornada centenária dos Bortoletto, representados por quatro homens: Alex, Dagoberto, Aléssio e Abramo. As (des)venturas desses personagens correspondem a fases de expansão e dispersão da família e a contextos históricos brasileiros tratados com referencialidade. Na ordem em que os referidos blocos aparecem no livro, o olhar narrativo em retrospecto conduz-nos ao seguinte enredo:

IV Somerville, 6 de agosto de 2016 IV. É-nos contada a história de Alex, um brasileiro que migrou para os EUA há três anos. O jovem, assim como o bisavô Giovanni, desloca-se do país de origem por motivos afins: um evento trágico impulsiona a partida de ambos e a esperança de um futuro melhor na nova terra os move. O italiano, um século antes, veio para o Brasil com a esposa e os filhos ainda pequenos, em condições desumanas, fugindo dos horrores da fome. Nos primeiros anos em terras brasileiras, enfrentaram hostilidade e rejeição, a ponto de não saberem “se realmente fugiam da miséria ou retornavam aos seus braços” (Ruffato, 2022, p. 204). Já Alex, o bisneto, abandonado ainda criança pela mãe — um trauma que nunca foi superado —, ao perder o irmão e o cunhado vítimas de latrocínio, decide tentar a vida no estrangeiro, numa terra tão hostil quanto a sua. Lá, encontra outros brasileiros que “viviam aterrorizados pela possibilidade iminente de serem descobertos, capturados e devolvidos a um país que também os rejeitava” (Ruffato, 2022, p. 68). E, aos poucos, o desterro vai apagando da memória de Alex as lembranças da terra natal, “igual como, na estrada, assistimos a paisagem sumindo no espelho retrovisor” (Ruffato, 2022, p. 29). É um *futuro do presente*, como se intitula o último capítulo dessa primeira parte.

III São Paulo, 8 de outubro de 1994 agregam-se capítulos que focam no pai de Alex, Dagoberto. Ele é o prototípico personagem ruffatiano que migra de Cataguases-MG para São Paulo. Nessa parte do livro, reaparece a reiterada tensão na prosa de Ruffato: permanecer em Cataguases, fadado ao fracasso da condição operária, ou mudar-se para uma metrópole, a fim de conseguir uma mobilidade social ascendente. Dagoberto opta pela segunda opção, pois “tudo e todos pareciam empurrá-lo para longe de Cataguases, como se, permanecendo na cidade, tivesse inscrito na testa o vexaminoso estigma de derrota” (Ruffato, 2022, p. 87). Assim, parte para São Paulo e idealiza uma família estruturada aos moldes burguês, mas o casamento com a nordestina Giza não sai como

esperado. Ela, com diversos problemas emocionais, abandona a casa, deixando para trás os filhos ainda pequenos. Dagoberto precisa desdobrar-se para criar Bruno, Jaqueline e Alex. Aqui, além dos desajustes e das rupturas familiares entre os Bortolettos, o contexto da instabilidade política resvala na narrativa. Essa incerteza é o *futuro do subjuntivo*, título do último capítulo do bloco.

Em *II Cataguases, 7 de fevereiro de 1967* organizam-se os capítulos que enfatizam a trajetória de Aléssio, pai de Dagoberto, e apresentam o primeiro deslocamento dos Bortolettos após o arraigamento dos patriarcas em Rodeiro-MG. Aléssio desembarcou, sozinho, do trem em Cataguases – “lugar rico e adiantado, onde emprego abundava” (Ruffato, 2022, p. 164) — logo depois de completar 18 anos, decidido a ajeitar a vida. Os primórdios de Aléssio em Cataguases assemelham-se aos do neto Alex nos EUA. Ambos ganham pouco, mas tentam poupar o máximo para realizar seus sonhos de prosperidade. Aléssio não demorou a casar-se com Constança. Entretanto, por sentir-se explorado, não conseguia manter um emprego fixo, e a “família vivia como um barco solto na correnteza, na iminência de afundar” (Ruffato, 2022, p. 87). Esses eventos se desenrolam com o êxodo rural e a ditadura militar como pano de fundo. É o *futuro do pretérito*, título do capítulo de encerramento dessa parte do livro, revelando uma história que se mostra circular.

Por fim, *I Rodeiro, 6 de agosto de 1916* é o último bloco da sequência do livro, porém o primeiro em ordem cronológica dos fatos. O enfoque da narrativa recai sobre Abramo e Emma, pais de Aléssio, ambos vindos ainda crianças da Itália, sob a condução de adultos esperançosos quanto ao solo promissor do Brasil. Abramo herdou dos pais, Giovanni e Angelina, uma pequena gleba em Rodeiro-MG, conquistada mediante trabalho quase escravo, com dor, suor e lágrimas. O título do último capítulo do livro é o *futuro* - que era semeado em terra fértil, mas com estruturas sociais e políticas tão desiguais, resquícios de um longo e perverso período de colonização. Portanto, um *antigo futuro*.

Luiz Ruffato é, sem dúvida, uma das vozes mais expressivas da literatura brasileira contemporânea. O conceito de contemporâneo, aqui, é compreendido na acepção discutida por Agamben (2009), que define o contemporâneo como aquele que consegue neutralizar "as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas"

(Agamben, 2009, p. 63). Para o filósofo, ser contemporâneo implica tomar distância do próprio tempo, permitindo enxergá-lo para além de suas aparentes evidências. Em outras palavras, apenas se torna contemporâneo aquele que "recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo" (Agamben, 2009, p. 64).

Essa perspectiva se evidencia na construção de *O antigo futuro*. Para além das luzes que iluminam a espetacularização da sociedade na terceira década do século XXI, o livro, por meio de sua narrativa, revela-nos um país em constante estado de ruína e desarmonia social, marcado por um passado que deixou cicatrizes indeléveis, ainda presentes na realidade brasileira atual. Por exemplo, os episódios de violência não se limitam aos primeiros Bortolettos que chegaram ao país. Pelo contrário, a brutalidade é narrada, direta ou indiretamente, ao longo de toda a trajetória dessa família, no movimento de "ler de modo inédito a história" (Agamben, 2009, p. 71).

Assim, a narrativa, com uma estrutura linguística criativa, densa — e, de certa forma, poética —, organizada em capítulos sem divisões paragrafadas, nos quais há uma oscilação entre o discurso direto e o indireto livre, lança luz sobre eventos violentos da cena contemporânea, como a xenofobia, a violência de gênero, o preconceito religioso e sexual, além da opressão exercida por forças estatais que marginalizam os desvalidos. São as trevas do presente sendo reveladas e interpretadas (Agamben, 2009).

O comprometimento do livro com a realidade social brasileira é perceptível na utilização de índices referenciais incorporados à narrativa, que promovem efeitos de realidade e introduzem "o real na escrita" (Schøllhammer, 2009, p. 80). Isso se evidencia nas várias incursões de eventos e fatos sociais relevantes da história do país, que, de alguma forma, ressoam nas vivências das personagens. Como exemplo, pode-se citar a chegada de imigrantes no início do século XX, o Estado Novo, o golpe militar de 1964, a superinflação do final dos anos 80, a relativa estabilidade econômica após o Plano Real e, indiretamente, o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, evento que coincide com a saída de Alex do Brasil. Como o enredo está em retrospecto, similarmente, a história recente do país também parece caminhar para o passado.

Também é possível destacar a referencialidade espacial em toda a obra, uma vez que as ações ocorrem em locais conhecidos, que são tratados com uma descrição verossímil. Ainda nesse viés, deve-se considerar a incorporação de marcas linguísticas

orais ao longo de todo o livro. Essa incursão da “oralidade regional traz consigo certa identidade cultural e social que se expressa na dinâmica sintática e no desdobramento do raciocínio coloquial” (Schøllhammer, 2016, p. 239), evidenciando o traço regionalista da prosa ruffatiana. Em razão disso, a linguagem e o estrato social representados na obra se entrelaçam, fortalecendo, assim, a realidade da experiência narrada.

Por fim, é importante destacar a tensão vivenciada pelos personagens, que experimentam realidades passageiras como consequência de um estado permanente de desenraizamento e de uma sociedade líquida, conforme postulou Bauman (2001). Nesta sociedade, as identidades são efêmeras e as relações são fluidas, refletindo uma constante instabilidade. Nesse sentido, os relacionamentos desses personagens são sempre transitórios e fragmentados, assim como os lugares por onde passam. O que pode ter sido sólido — em termos econômicos, sociais e culturais — já não é mais. As certezas que uma vez pareceram estáveis e duradouras desmoronam, deixando espaço para uma realidade onde tudo está em constante fluxo de transformação.

O esfacelamento e a dispersão da família Bortolletto são a síntese de um país em permanente estado de ruínas, em que o desterro parece ser tanto o início quanto o fim. O romance é, nesse sentido, o espelho retrovisor de uma história cíclica, cujo futuro é reticente em ser novo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos, 2009.

BAUMAN Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar; 2001.


CASSIN, B. *Elogio da Tradução: Complicar o Universal*. Tradução de Daniel Falkembach e Simone Petry. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

RUFFATO, L. *O antigo futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

SCHØLLHAMMER, K. E. *Um mundo de papel: reflexões sobre o realismo de Luiz Ruffato*. Revista ALEA, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 232-242, 2016

Revista Aurora, v. 17, 2024. Fluxo Contínuo

 <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

SCHÖLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Lucas Neiva da Silva é Doutorando em Estudos Literários e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: lucasneivaport@gmail.com

NOTAS

Contribuição de Autoria: Não se aplica.

Agradecimentos: Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Financiamento: Não se aplica.

Comitê de ética em Pesquisa: Não se aplica.

Disponibilidade de Dados e Material: Não se aplica.


Conflitos de Interesse: Não se aplica.

Uso de Inteligência Artificial (IA): Não houve uso de Inteligência Artificial no processo de escrita.

Publisher: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais. Portal de Periódicos UNESP. As ideias e opiniões expressas nos artigos, resenhas e entrevistas são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Como citar esta resenha: DA SILVA, Lucas Neiva. O entre-lugar do sujeito cambiante em o antigo futuro de Luiz Ruffato. *Revista Aurora*, [S. l.], v. 17, p. e024012, 2024. [DOI: 10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012](https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012)

Revista Aurora, v. 17, 2024. Fluxo Contínuo

 <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License